

**LÁ NO SAPEZINHO DO BOM GOSTO,
CRESCER O BURANHÉM NOVO,
FLORESCE O OITIZERIO, CHEIRAM OS
CAJUEIROS E GERMINAM OS
UMBUZEIROS:
UMA ANÁLISE LEXICAL DE TOPÔNIMOS
HÍBRIDOS DO RECÔNCAVO BAIANO ✓**

96

Lana Cristina SANTANA¹
Marcela Moura Torres PAIM²

✓ Artigo recebido em 25 de abril de 2017 e aprovado em 19 de outubro de 2017.

¹ Doutoranda em Língua e Cultura (2015) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Educação Básica, pela rede de ensino do Estado da Bahia e o município de Santo Antônio de Jesus. E-mail: <lanasantana8@gmail.com>

² Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA (2007). Professora Associado 1 da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: <marcelamtpaim@yahoo.com.br>

LÁ, NO SAPEZINHO DO BOM GOSTO,
CRESCE O BURANHÉM NOVO, FLORESCE
O OITIZEIRO, CHEIRAM OS CAJUEIROS E
GERMINAM OS UMBUZEIROS: UMA
ANÁLISE LEXICAL DE TOPÔNIMOS
HÍBRIDOS DO RECÔNCAVO BAIANO

THERE, IN SAPEZINHO DO BOM GOSTO,
GROW THE BURANHÉM NOVO, FLOWERS
THE OITIZEIRO, SMELL THE CAJUEIROS
AND GERMINATE THE UMBUZEIROS: A
LEXICAL ANALYSIS OF THE HYBRID
TOPONYMS OF THE BAHIA RECÔNCAVO

RESUMO

O topônimo (nome de um lugar) é um signo motivado semanticamente, pois há sempre um vínculo entre a denominação (o topônimo) e o ambiente físico ou antropocultural em que o denominador está inserido. Para recuperá-lo, parte-se, inicialmente, de uma verificação etimológica desse material linguístico, a fim de identificar o seu estrato dialetal e, em seguida, prossegue-se em uma pesquisa sincrônica, encaixando-o no contexto linguístico, sociocultural e geográfico da sociedade a qual pertence. O trabalho, aqui apresentado, busca investigar os topônimos híbridos do Recôncavo da Bahia, visando demonstrar a integração entre o estrato dialetal indígena e europeu, averiguada a partir da microtoponímia dessa região: nomes de fazendas, comunidades e hidrografia.

Palavras-chave: Toponímia. Híbridos. Recôncavo baiano. Identidade sociocultural.

ABSTRACT

The toponym (name of a place) is a semantically motivated sign, because there is always a link between the denomination (the toponym) and the physical or anthropocultural environment in which the denominator is inserted. In order to recover it, an etymological verification of this linguistic material is initially undertaken in order to identify its dialect stratum, and then it is pursued in a synchronous research, fitting it into the linguistic, sociocultural and geographical context of the company to which it belongs. The work presented here seeks to investigate the hybrid toponyms of the Recôncavo da Bahia, aiming to demonstrate the integration between the indigenous dialect stratum and European, ascertained from the microtoponymy of this region: names of farms, communities and hydrography.

Keywords: Toponymy. Hybrids. Recôncavo of Bahia. Sociocultural identity.

1 INTRODUÇÃO

O tom poético que emana do título deste artigo é proporcional à beleza da natureza existente no Recôncavo baiano, um território banhado por grandes rios, como o Paraguaçu e o Jaguaripe, por riachos e córregos, cujas águas são depositadas em lagoas, espalhando beleza às planícies, montes e campos e, ao mesmo tempo, permitindo florescer uma vegetação com cores e cheiros variados.

Essa variedade retratada pela natureza é observada entre os municípios que compõem esse território de identidade³ (TI), a saber, Castro Alves e Cabaceiras do Paraguaçu, ambos localizados na Região semiárida, Varzedo, Muritiba e Governador Mangabeira, localizados no Polígono das Secas, Santo Amaro, Saubara, São Francisco do Conde e Maragogipe, situados na faixa litorânea, São Sebastião do Passé na região metropolitana de Salvador, além de Cachoeira, São Felipe, São Félix, Nazaré, Sapeaçu, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Conceição do Almeida, Dom Macedo e Muniz Ferreira. Toda essa área territorial foi amplamente explorada desde os primórdios da colonização brasileira, sendo suas riquezas naturais a base de sustentação econômica para a formação da nova nação que se iniciava.

É válido lembrar que alguns municípios integrantes desse TI são formações recentes, uma vez que foram desvinculados de municípios mais antigos, formados desde meados do século XVI, por isso, apesar de datas recentes de emancipação política, toda a complexidade sócio-histórica dessas áreas formam um único conjunto, passível de ser analisado como um espaço geográfico que possui características culturais semelhantes, pois, ao pensar em uma área territorial, transcende-se o conceito de demarcação de fronteiras, já que esse espaço também é um lugar social e reflete todas as relações que ali são concretizadas, preservando hábitos e valores, elementos constitutivos da identidade cultural de um povo. O lugar, segundo Carlos (2007, p. 14), “[...] guarda em si e não fora dele o seu

³ Informações da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) que divide a Bahia em Territórios de Identidade, analisando as características semelhantes entre os municípios, no que diz respeito aos segmentos econômicos e sociais. Os dados do *corpus* que compõem esse artigo correspondem ao ano de 2010, pois em 2016 o T.I. do Recôncavo baiano foi reduzido a dezenove municípios, retirando São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé e, ao mesmo tempo incluindo o município de Salinas das Margaridas. Cf. referências.

significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo [...].”

Diante desse conceito, é coerente pensar no Recôncavo baiano como um lugar que se forma, desde o século XVI, de acordo com as perspectivas econômicas da nação colonizadora – representativas de um modelo socioeconômico vigente da época – mas, ao mesmo tempo, é possível pensá-lo como um lugar formado a partir das suas particularidades, que se caracterizam por uma diversidade de povos: índios, negros e europeus, e, conseqüentemente, por uma diversidade cultural. Esse espaço de vivência e de convivência rica em variedades reflete-se na língua, instrumento que veicula as interações e que

evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço geográfico no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p. 15).

Com esse entendimento, estudar os nomes de lugares, seja de acidentes geográficos ou aglomerados humanos, é adentrar no repertório linguístico que compõe o léxico de uma sociedade e, como afirma Biderman (1978, p. 139), o léxico é “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.”

Assim, consideram-se, neste artigo, as seguintes premissas: primeiro, parte-se do princípio de que o homem possui necessidade em nomear tudo aquilo que lhe surge como novo, tanto o que faz parte da cultura material quanto da cultura imaterial; segundo que os nomes serão formados a partir das suas vivências culturais e de elementos linguísticos já pertencentes ao seu repertório e terceiro, em se tratando de topônimos, considera-se a sua característica principal, que é a motivação semântica, pois que se trata de um signo linguístico icônico, cuja motivação pode partir da natureza física do lugar e da natureza antropocultural, ou seja, das relações socioculturais vivenciadas no espaço geográfico.

Portanto, neste artigo, discute-se sobre o léxico e cultura, a formação de palavras e a motivação semântica dos topônimos. Para tanto, analisam-se alguns topônimos do Recôncavo baiano, os quais possuem formação híbrida, representantes da influência linguística dos estratos dialetais indígenas e europeus.

2 “CADA COISA TEM SEU NOME E CADA NOME TEM SEU USO”: O PROCESSO DE NOMEAÇÃO E A FORMAÇÃO DO LÉXICO

100

Utilizando o processo de intertextualidade, o título dessa sessão pega de empréstimo o provérbio português “Cada terra tem seu uso, cada roca com seu fuso”, para ressaltar que todas as coisas existentes precisam de um nome, assim como um nome está vinculado a uma funcionalidade, isto é, ele não surge do vazio e não é utilizado desconexo de uma realidade perceptível ao falante, antes, liga-se a contextos linguísticos e sócio-históricos, ganhando significação, de acordo com as experiências vivenciadas pelo grupo social. Seguindo essa concepção, Biderman (2001) expõe que:

ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua [...]. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico (BIDERMAN, 2001, p. 179).

É o **nome** que torna possível a apropriação da realidade circundante e esse processo de apropriação do mundo circundante envolve ações psíquicas iniciadas desde a primeira infância, a partir de dois movimentos: o primeiro é social, formado a partir das relações **interpessoais**, quando a criança em contato corporal e linguístico tem conhecimento dos elementos, hábitos e valores que fazem parte da sua comunidade; e o segundo é um processo individual, denominado **intrapessoal**, que ocorre a partir de **ações sociais contínuas**, quando de fato a criança apropria-se da linguagem, desenvolvendo ações psíquicas superiores, como atenção, memória e a abstração, criando conceitos sobre os elementos do contexto social

vivenciado, tornando-se capaz de atribuir-lhes significados e iniciar o processo de categorização (VYGOTSKY; COLE, 1991.)

Observa-se, portanto, a função mediadora da palavra, ligando o saber cultural a funções intelectuais superiores. “[...] É, pois, a linguagem que proporciona ao indivíduo o domínio de um sistema simbólico, um mundo de significação e descoberta que uma hora ou outra irá convocá-lo [...]” (ALMEIDA, 2012, p. 22). Adentrando nesse mundo simbólico, Biderman (1998) afirma que:

os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Às vezes, o critério é o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante (BIDERMAN, 1998, p. 89).

Contudo, apesar de a categorização envolver processos de abstração, o que aparentemente pode ser considerada uma ação individual, tal etapa de discernimento da realidade surge através dos interesses coletivos, pois é a coletividade que determinará, legitimando através do discurso, a entrada de um nome para o seu repertório linguístico, conforme a importância que tal elemento nomeado possui em sociedade.

Portanto, analisar um nome ultrapassa a função identificadora de um objeto, de uma pessoa, de um sentimento, de um lugar, pois todas essas identificações estão inseridas em um contexto maior, que envolve relações sociais produzidas sucessivamente pelas gerações, em um espaço geográfico e social e essas relações ficam registradas no repertório linguístico, na própria formação das palavras. Sendo assim, o processo de formação de palavras denominado hibridismo será discutido, na subseção a seguir, mostrando que elementos linguísticos de estratos dialetais diferentes unem-se, revelando a riqueza da diversidade linguística no Brasil e, ao mesmo tempo, a união de visões de mundo diversas que deram origem ao povo brasileiro.

2.1 PALAVRAS HÍBRIDAS: CRIATIVIDADE LEXICAL E UNIÃO DE CULTURAS

Através das gerações, as palavras que compõem os diversos vocabulários de um léxico são transmitidas a partir das interações sociais, ficando armazenadas na memória dos membros que compõem uma sociedade. Como a formulação do léxico é infinita, pois o homem é um ser dinâmico e o processo de nomeação é contínuo, o cérebro lança mão de um mecanismo para evitar sobrecarga de memória: a formação de palavras. Sobre essa estratégia cognitiva, Basílio (2004) afirma que os:

processos e padrões de formação de palavras otimizam as possibilidades de expansão lexical, fazendo uso de material simbólico previamente existente através de sua adaptação a novas circunstâncias, quer criativamente, quer de acordo com padrões convencionais gramaticalizados. O uso de padrões que aproveitam elementos previamente existentes atribuindo-lhes funções é fundamental para a eficiência dos processos de formação de palavras, na medida em que garantem a comunicação automática sem sobrecarga de memória (BASÍLIO, 2004, p. 51).

Portanto, já proficientes de sua língua, o falante utiliza palavras, ou partes de palavras, existentes e conhecidas do grupo social para nomear elementos diferentes da primeira denominação, fazendo novas combinações que resultam em novas nomeações. De acordo com a teoria gerativa, o ser humano é dotado de uma gramática subjacente, ou seja, uma gramática internalizada, a qual possibilita ao falante de determinada língua o reconhecimento e utilização de formas linguísticas que já existem em sua língua nativa, as quais irão compor seu léxico mental (ALMEIDA, 2012). Conforme Rocha (1998), o léxico mental corresponde a uma lista de itens lexicais que são internalizados ao longo da sua existência e sua composição ocorre a partir das seguintes entradas lexicais: **livres**: lexemas puros e complexos (simples e compostos) e vocábulos dêiticos; **dependentes** (preposições, conjunções, artigos) e **presas** (bases, afixos (prefixos e sufixos), desinências e vogais temáticas).

Ressalta-se que todas essas formas mantêm-se armazenadas na memória e seus valores semânticos também, desse modo, quando o usuário de uma língua está diante de uma palavra nova, mas que guarda algum item lexical já conhecido, essa forma não provoca total estranheza, já que há um reconhecimento, mesmo que parcial, do novo item lexical.

No que diz respeito a uma situação em que línguas diferentes entram em contato, em um espaço geográfico, por longos períodos de tempo, é comum que elementos constitutivos dessas línguas se combinem, dando origem a nomes híbridos. Conforme o dicionário da língua portuguesa Houaiss (2009, não paginado), **híbridismo** é “[...] língua ou palavra resultante da mistura dos vocabulários de duas ou mais línguas e/ou da interpenetração de sintaxes provenientes de línguas distintas [...]”. Portanto, em um processo de híbridismo, unem-se elementos lexicais de línguas diferentes, resultando em **híbridos simples**, através de processos de derivação por afixos, ou **híbridos compostos**, em que se unem raízes de línguas diferentes, por um processo de composição (ROCHA, 1998).

Os processos que dão origem ao híbridismo linguístico são os mais utilizados na formação de palavras. A **derivação** possui funções sintático-semânticas, já que com acréscimos de afixos é possível modificar a classe gramatical de uma base lexical. Cita-se como exemplo os substantivos deverbiais, que são provenientes de verbos: invadir>invasão, aceitar>aceitação, ou ainda, substantivos e adjetivos que se transformam em verbos: ferro>enferrujar, magro>emagrecer, bem como adjetivos que se modificam para advérbios: rápido>rapidamente, veloz>velozmente.

Além de modificar a classe gramatical, o processo de derivação pode mudar a semântica da base lexical, mas sem que se perca o vínculo com essa base. Isso acontece quando se deseja apresentar informações semanticamente diferenciadas da palavra de origem, mas mantendo ainda o vínculo com a palavra primitiva. Por conseguinte, a derivação ocorrerá quando é preciso expressar ideias gerais de negação, de aumentativo, de coletividade, de profissão, etc., como ocorre em riacho>riachão, taboca>tabocal, espinho>espinheiro, laranja> laranjeira, jogo> jogador e fazer> desfazer.

Basílio (1987) afirma que por envolver os aspectos sintático e semântico, o processo de derivação é altamente produtivo, no que diz respeito à frequência de uso. Claro está que existem alguns prefixos e sufixos que são mais utilizados que outros, mas há uma tendência muito grande do falante em lançar mão desse processo sempre que há necessidade de uma nova nomeação que esteja relacionada a um nome já existente. Exemplo nítido dessa situação de denominação encontra-se no sufixo – eiro/– eira.

Segundo Cunha (2012, p. 237), esse sufixo é uma “[...] forma evolutiva normal do lat. –ārius–āria [...]”. Já nessa forma anterior, o sufixo possuía uma grande produtividade, podendo apresentar acepções variadas. Nos estudos da morfologia da língua portuguesa, alguns autores atentaram para a alta produtividade do sufixo -eir-, diferentemente do -ário que jamais alcançou a mesma popularidade no português. Na evolução para português, as formas –airo/ -aira e –eiro/-eira ganharam rumos diferentes, sendo que os primeiros tiveram sua forma erudita refeita –ário/-ária (destinat-ário; receitu-ário), já os segundos mantiveram sua forma em todas as etapas do português.

Como abordam Cunha e Cintra (1998), o sufixo -eiro/-eira são excelentes formadores de substantivos e, em um processo de derivação, ele irá se unir a uma forma livre (lexema) para gerar palavras com as seguintes acepções: “[...] **ocupação, ofício, profissão:** *barbeiro, copeira*; **lugar onde se guarda algo:** *galinheiro, tinteiro*; **árvore e arbusto:** *laranjeira, craveiro*; **ideia de intensidade, aumento:** *nevoeiro, poeira*; **objeto de uso:** *cinzeiro, pulseira*; **noção coletiva:** *berreiro, formigueiro*” (CUNHA; CINTRA, 1998 apud SIMÕES NETO; COELHO, 2013, p. 2). Verifica-se, portanto, que a quantidade de substantivos formados por esse sufixo é em número bastante elevado, perpassando por muitos campos semânticos.

Complementando o processo de formação de palavras, em que é possível observar o hibridismo, há a **composição das palavras**, com importante função lexical, pois são unidas palavras com estruturas morfológicas e sintáticas diferentes, para que exerçam a função denominativa. Isso ocorre por meio da justaposição – junção de dois elementos lexicais sem perda de nenhum fonema – ou por meio da aglutinação – caso em que há perda de fonemas e do acento tônico de algum dos elementos.

Conforme Basílio (1987), esse rico processo tende muito mais para as percepções do falante a respeito de um novo elemento a ser nomeado e que, por falta de um nome, toma-se de empréstimo aquele já conhecido em processos de nomeação semanticamente semelhantes. Assim, utiliza-se a **descrição**, em que há um elemento núcleo e um segundo elemento que o descreve, por exemplo, os topônimos “Catu Grande”, “Açougue Velho” e “Água Comprida”, ou, com maior

criatividade usam-se as metáforas no processo de composição, em que há uma descrição por associação entre o objeto a ser nomeado e outro semelhante a ele, como se vê nos topônimos “Ponta do Caju” e “Jardim Paraíso”, ou nomeação por algum elemento que sirva de referência, fato que se observa no topônimo “Pela Porco”⁴, o qual se refere à atividade profissional (pelar porcos para a venda) exercida anteriormente no local, que, apesar de extinta, tornou-se um elemento representativo da comunidade. Vê-se na composição dessas palavras um processo metonímico, em que a palavra representa o todo, que é o próprio lugar.

“[...] Assim, não é de surpreender o fato de que a composição a partir de palavras situa-se muito mais no nível do lexical, do coloquial, do regional e do esporádico, em oposição à derivação, que é mais freqüente na língua formal e mais estável em suas produções” (BASÍLIO, 1987, p. 34). Qualquer que seja a opção para a formação de palavras híbridas, é possível perceber a união das culturas, suas percepções a respeito do mundo já conhecido, em se tratando dos indígenas, ou do mundo a conhecer, no que diz respeito ao colonizador, que trouxe consigo denominações pertencentes a sua cultura e mesclou-as ao que lhe surgia como novo, na intenção de se apropriar da terra e de se aproximar dos autóctones.

3 LÉXICO ONOMÁSTICO-TOPONÍMICO: O NOME CARREGA EM SI A GRANDEZA DE SUA HISTÓRIA

Na formação do léxico do português brasileiro, em muito, houve a contribuição da língua tupi, principalmente na toponímia, já que é possível encontrar um grande número de registro de nomes de origem indígena, muitos já conhecidos no vocabulário da língua portuguesa, pois também são nomes comuns que estão inseridos no discurso do povo brasileiro, por exemplo, **caju**, **cajá**, **jabuticaba** e **pitanga** e seus derivativos formados com sufixos latinos: **cajueiro**, **cajazeira**, **jabuticabeira** e **pitangueira**. Já outros são utilizados sem que os falantes tenham conhecimento da sua origem, pelo fato de não serem mais tão comuns no dia a dia,

⁴ Comunidade rural no município de Santo Antônio de Jesus-BA.

como é o caso dos nomes utilizados para denominar os lugares, como ocorre em **Buranhém, Timbó e Sarandi**.

O fato de a toponímia brasileira preservar grande parte de elementos linguísticos tupi deve-se à íntima relação desses povos com a natureza e à própria condição do ser humano, que, em processo de descoberta, vê-se na necessidade de nomear aquilo que lhe é novo, foi o que aconteceu com o colonizador europeu. Assim, o colonizador, na aproximação com o **grupo Tupi da Costa brasileira**, acabou tomando-lhe palavras por empréstimo, adaptando-as a sua língua, para ajudar no processo de nomeação do espaço que se apropriava. A esse grupo indígena pertencem as línguas Tupinambá, Tupiniquim, Potiguara, Nheengatu, além dos dialetos Cocama e o Cocamilla pertencentes “[...] a uma língua de origem não-tupi-guaranitupinizadas pelos tupinambás que entraram no Alto Amazonas e no Solimões nos séculos XVI-XVII [...]” (DIETRICH, 2015, p. 13, grifo do autor), assim como a língua *Omágua/Omawa/Canga-peba* “[...] língua muito importante na Amazônia dos séculos XVI e XVII; da mesma origem que o cocama-cocamila, com o qual forma um grupo linguístico [...]” (DIETRICH, 2015, p. 13).

Observa-se, portanto, uma proximidade dos colonos com a diversidade linguística e cultural dessas tribos indígenas, principalmente nas primeiras décadas de exploração do território, o que ocasionou a inserção de palavras tupis e tupinambás na língua portuguesa. Para Rodrigues (2015),

os nomes comuns e os topônimos são as aquisições mais naturais quando os falantes da língua receptora não têm nomes em sua língua para objetos culturais ou seres vivos que lhes são completamente estranhos, nem para os lugares que passam a conhecer. Mas sua aquisição em grande quantidade e com pouca alteração fonética, como é a situação predominante na nomenclatura adquirida dos tupis e tupinambás, implica um convívio detido e mais ou menos intenso (RODRIGUES, 2015, p. 31).

Dessa forma, há a influência dessas variedades do tronco tupi-guarani na nomeação da flora e da fauna brasileira e, claro, na Toponímia. Porém, Dietrich e Noll (2015) afirmam que os nomes próprios de lugares não tiveram sua origem quando se falavam as línguas gerais, somente mais tarde, o tupi e o tupinambá passaram a ser uma fonte de raízes lexicais que serviu de inspiração para nomeação dos lugares.

Esses nomes fazem parte do repertório linguístico do português brasileiro desde o período colonial, portanto é comum que eles sejam utilizados na nomeação de acidentes geográficos de natureza física (serras, montanhas, planícies, morros, etc.), na hidrografia (rios, riachos, lagoas, etc.) e em aglomerados humanos (municípios, fazendas, comunidades, ruas, praças, etc.). O que cabe à Toponímia é investigar as motivações semânticas dessas denominações, entendendo os motivos que levaram o denominador a realizar a escolha de um nome comum, conhecido do seu repertório linguístico, transformando-o em uma unidade linguística que particulariza um lugar.

Esse processo ocorre a partir do deslocamento de um nome comum, pertencente à língua do denominador, para o campo da Onomástica⁵ através de uma relação de contiguidade, ou seja, o nome torna-se um signo semantizado metonimicamente, nele, é possível verificar uma relação muito próxima entre algum elemento que possa ser uma referência para o lugar. Esse elemento pode fazer parte do espaço físico do local ou da cultura material e imaterial da sociedade em questão, portanto, o nome próprio possui muito mais que um caráter dêitico e não representa a vontade apenas do denominador, visto que este “[...] é apenas um elemento da cultura nacional, da qual é projeção e em que se manifesta de modo particularizante. O sistema denominativo que aciona é, assim, um reflexo de tudo aquilo que representa, cumulativamente, hábitos, usos, costumes, moral, ética, religião” (DICK, 1996, p. 13).

Nesse sentido, o topônimo indica mais do que um lugar, ele representa aspectos físicos, sociais e culturais que ocorreram em sucessivas gerações em um espaço geográfico. Com essa compreensão, Almeida (2012) afirma que ao nomear um lugar:

o denominador utiliza a dupla face de uma palavra: a *forma* e o *conteúdo*, pois elege entre as formas lexicais existentes em sua língua nativa àquela que possa interpretar o conteúdo – que é o próprio lugar – e no processo discursivo, ele identifica o conteúdo – a referência ao lugar – através da forma linguística. Sendo assim, a Onomástica incorpora os dois processos

⁵ Essa ciência está inserida na Lexicologia e “[...] subdivide-se em duas áreas: *Antroponímia* – estudo do nome individual de pessoas, sobrenomes de família e alcunhas – e *Toponímia* – estudo dos nomes próprios de lugares; ambas interessam-se pela palavra quando esta é utilizada no campo da denominação, isto é, quando a palavra migra para o campo onomástico” (ALMEIDA, 2012, p. 57).

de significação utilizados nos estudos lexicológicos: o processo onomasiológico – do conceito à forma – e o processo semasiológico – da forma ao conceito (ALMEIDA, 2012, p. 58).

Contudo, como bem ressalta Seabra (2008), o toponimista precisa de cautela ao analisar o seu *corpus*, pois, no campo onomástico, existem topônimos que são arquivos permanentes, isto é, a motivação da nomeação permanece arquivada na memória da sociedade, enquanto outros topônimos podem ter a sua motivação caída no esquecimento, uma vez que a ação do tempo pode acarretar um esvaziamento do campo semântico do topônimo, tornando-os arquivos opacos. Geralmente, os topônimos que possuem uma motivação física, correspondente a algum elemento da natureza (árvores, formas geográficas, fauna, etc.) do local, tende a ser um arquivo permanente, mas se a motivação corresponde a um processo psíquico ou cultural, a tendência é o apagamento, a não ser que tenha sido um fato cultural ou histórico que tenha marcado de forma predominante o local.

Em se tratando da toponímia de origem tupi, as motivações estão mais relacionadas com elementos físicos, uma vez que para a nomeação dos lugares registrava-se através dos topônimos os elementos de predominância da natureza. Conforme Sampaio ([1901] 1987):

as denominações tupis das localidades ou dos indivíduos [...] são de uma realidade descritiva admirável, exprimem sempre as feições características do objeto denominado, como produto que são de impressões nítidas, reais, vivas [...]. Exprimem também meros acidentes em uma circunstância qualquer, mas que deixaram viva recordação no ânimo do selvagem (SAMPAIO, [1901] 1987, p. 178).

Apesar de descritivos, os topônimos de origem tupi guardam, em uma grande maioria, formas linguísticas opacas, que já caíram em desuso, além disso, sendo a aglutinação uma das características dessa língua, um vocábulo pode corresponder a um enunciado inteiro, uma vez que mais de uma categoria linguística pode se unir a outra, formando uma só palavra. Porém, para interpretá-las não há muita dificuldade, pois é possível recuperar a ligação entre elas, o problema está na tradução que se dá. Sampaio ([1901] 1987, p. 179) afirma que para realizar a interpretação de um nome tupi de uma área geográfica é necessário conhecer “[...] as feições características, quer topográficas, quer indicadoras das suas produções mais

abundantes; enfim, conhecer-lhe a característica, tanto a atual como a de outrora, que, decerto, deu origem à denominação que se investiga”.

Essa afirmativa confirma a necessidade de ampliar as dimensões de um estudo toponímico, deslocando-se do campo estritamente linguístico para o extralinguístico, já que este pode ser bastante esclarecedor, principalmente quando a língua já não é mais utilizada no ambiente discursivo da sociedade em questão. Dessa forma, a Toponímia torna-se um estudo linguístico interdisciplinar, pois inclui conhecimentos geográficos, históricos, antropológicos, sociológicos, como uma forma de entender o denominador em todas as suas dimensões, visando desvendar as motivações que impulsionaram a denominação do lugar.

Portanto, partindo desse entendimento, a toponimista Maria Vicentina Paula do Amaral Dick, pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do Atlas Toponímico Brasileiro (ATB), desenvolveu um quadro taxonômico (DICK, 1990a, 1990b) que possibilita uma classificação dos topônimos brasileiros, abrangendo a diversidade da fauna e da flora brasileiras, bem como as múltiplas relações sociais correspondentes à diversidade cultural existente no Brasil. O quadro é bastante amplo, pois engloba aspectos de natureza física e de natureza antropocultural, criados a partir de um termo hiperônimo – termo genérico de origem greco-latina relativo à categoria a qual o topônimo pertence⁶ – e o acréscimo do termo topônimo. São vinte e sete taxes. **De ordem física:** astrotopônimo, cardinotopônimo, cromotopônimo, dimensiotopônimo, fitotopônimo, geomorfotopônimo, hidrotopônimo, litotopônimo, meteorotopônimo, morfotopônimo, zootopônimo. **De ordem antropocultural:** animotopônimo, antropotopônimo, axiotopônimo, corotopônimo, cronotopônimo, ecotopônimo, ergotopônimo, etnotopônimo, dirrematopônimo, hierotopônimo, historiotopônimo, hodotopônimo, numerotopônimo, poliotopônimo, sociotopônimo, somatopônimo.

Seguindo essa taxonomia, serão analisados topônimos híbridos do Recôncavo baiano que possuem elementos linguísticos indígena e europeu, visando identificar suas motivações semânticas.

⁶ A taxonomia é correspondente ao primeiro termo do sintagma toponímico, levando-se em conta a motivação semântica.

4 TOPÔNIMOS HÍBRIDOS DO RECÔNCAVO BAIANO E SUAS MOTIVAÇÕES SEMÂNTICAS

Os topônimos aqui analisados correspondem ao território de identidade denominado Recôncavo baiano. Trata-se da microtoponímia dessa região: nomes de aglomerados humanos, comunidades e fazenda, e da hidrografia da região: rios, riachos, córregos e lagoas. O *corpus* foi coletado nas cartas topográficas, escala 1:100.000, disponíveis no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que dos vinte municípios verificados foi possível encontrar cento e nove formas toponímicas híbridas, com estratos dialetais indígenas e africanos mesclados a formas linguísticas de estratos com origem diversa: latim, espanhol, francês, italiano, celta, árabe, germânico, malaio, persa e até mesmo do sânscrito (através do hindi). Dessa totalidade, e selecionado para análise neste artigo, foram identificados cinquenta e cinco topônimos híbridos que representam a união do estrato linguístico indígena e europeu, o qual corresponde ao latim (aqui correspondendo à língua portuguesa) e aos empréstimos tomados do espanhol e francês, visando mostrar como a visão de mundo desses povos, que compartilharam do mesmo espaço geográfico, por longo período de tempo, ficou registrada na toponímia desse lugar.

A análise será apresentada em dois quadros. No primeiro, distribuem-se as informações gerais sobre o topônimo, com os itens: município (apresentando todos os topônimos selecionados para o município indicado); nome do topônimo; o acidente geográfico (A.G) (humano ou físico); tipo geográfico (T.G.) humano — fazenda ou comunidade — ou físico — rio, riacho, córrego ou lago; natureza semântica (N.S.) (observa-se se a motivação semântica é física ou antropocultural); taxonomia toponímica; origem e formação lexical.

No segundo quadro constam as acepções buscadas da seguinte forma: para os termos tanto de origem tupi quanto europeia (português, francês e espanhol), bem como a datação em que o termo passa a ser usado na língua portuguesa, foram utilizados o dicionário etimológico de Cunha (2012) e o dicionário eletrônico de Houaiss (2009) e, somente para os termos em tupi, buscou-se acepção nos dicionários de Cunha (1988) e de Sampaio ([1901] 1987). Ressalta-se que alguns

termos tupis não estão dicionarizados, quando esse fato ocorrer será indicado com a expressão “não dicionarizado” (N.D.). É importante lembrar que a busca dos nomes que compõem os híbridos em dicionários possibilita a identificação do étimo, além de verificar se os nomes que são usados pela população como denominação de um lugar já se encontram dicionarizados, tanto em dicionários etimológicos quanto em dicionários que apresentam um grande número de termos regionais.

As acepções apresentadas não correspondem à totalidade dos cinquenta e cinco topônimos destacados, uma vez que não se adequaria a este espaço textual. Por isso, foram analisados onze topônimos que representam os estratos dialetais citados anteriormente e as formações híbridas ocorridas através dos processos de derivação e composição.

Quadro 1— Informações gerais dos topônimos híbridos

Município	Topônimo	A.G.	T.G.	N.S.	Taxonomia	Origem	Formação lexical
Cachoeira	Catu Pequeno	Hum.	Comun.	Antropocultural	Animotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Catu Grande	Hum.	Faz.	Antropocultural	Animotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Alto da Valença da Guaíba	Hum.	Comun.	Física	Dimensiotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Ponta do Buri	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Ponta do Caju	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Santiago do Iguape	Hum.	Comun.	Antropocultural	Antropotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Acutinguinha	Físico	Riacho	Antropocultural	Animotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal

Cachoeira	Pindobeira	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Capim da Sela	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Mercês da Guaíba	Hum.	Comun.	Antropocultural	Antropotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Caboquinho	Hum.	Comun.	Antropocultural	Etnotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Francisco do Paraguaçu	Hum.	Comun.	Antropocultural	Hagiotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Jararal	Físico	Rio	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Ilha do Capim	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Caju Gabriel	Hum.	Faz.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Vitória do Paraguaçu	Hum.	Com.	Antropocultural	Hagiotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
Saubara	Ponta do Saraíba	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Chácara Tucanópolis	Hum.	Comun.	Antropocultural	Ecotopônimo	Quichua+tupi+Latim	Derivação sufixal+composição por justaposição
Maragogipe	Tabuleiro do Guaí	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Baixa do Jequié	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
Maragogipe	Oitizeiro	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	São Roque do	Hum.	Faz. e	Antropocul-	Hagiotopô-	Latim+	Composição por

	Paraguaçu		Comun.	tural	nimo	tupi	justaposição
São Francisco do Conde	Caípe de Dentro	Hum.	Comun.	Antropocultural	Dirrematopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
São Sebastião do Passé	Lamarão do Passé	Hum.	Comun.	Física	Litotopônimo	Latim+tupi	Derivação sufixal+composição por justaposição
Santo Antônio de Jesus	Mina do Onha	Hum.	Comun.	Antropocultural	Sociotopônimo	Francês + tupi	Composição por justaposição
	Mina do Sapé	Hum.	Comun.	Antropocultural	Sociotopônimo	Francês + tupi	Composição por justaposição
	Tabocal	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Riachão do Timbó	Hum.	Faz.	Física	Hidrotopônimo	Latim+tupi	Derivação sufixal+composição por justaposição
São Felipe	Sapezinho do Bom Gosto	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal+composição por justaposição
	Baixa do Cupioba	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
Castro Alves	Riacho do Cipó	Hum.	Faz.	Física	Hidrotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Umbuzeiro dos Ovos	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal+composição por justaposição
	Lagoa da Jurema	Hum.	Faz.	Física	Hidrotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Morro do Jenipapo	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
Governador	Cajuada	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Cajueiro	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal

Mangabeira	Cipoal	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
Santo Amaro	Subaé dos Coqueiros	Hum.	Faz.	Antropocultural	Animotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal+composição por justaposição
	Buranhém Novo	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Ponta Cajaíba	Hum.	Comun.	Física	Geomorfotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
Conceição do Almeida	Comum do Jequitibá	Hum.	Faz.	Antropocultural	Animotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Caldeirão do Jequitibá	Hum.	Faz.	Antropocultural	Ergotopônimo	Latim+tupi	Derivação sufixal + Composição por justaposição
	Sapezinho	Hum.	Faz.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Alto Jaguaripe	Hum.	Comun.	Física	Dimensiotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
Cabaceiras do Paraguaçu	Carro Mirim	Hum.	Faz.	Antropocultural	Ergotopônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Timborinha	Hum.	Faz./Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Sapucaia Velha	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Catinguinha	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Jacaré Grande	Hum.	Comun.	Física	Zootopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Jacarezinho	Hum.	Comun.	Física	Zootopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
Muritiba	Gravatá de Baixo	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição
	Gravatá de Dentro	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Composição por

							justaposição
Cruz das Almas	Alto do Embira	Hum.	Comum.	Física	Dimensioto-pônimo	Latim+tupi	Composição por justaposição
	Umbaubeira	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Derivação sufixal
	Capim do Boi	Hum.	Comun.	Física	Fitotopônimo	Tupi+latim	Composição por justaposição

Fonte: autoria própria.

Quadro 2 – Acepções

<p>Topônimo: Catu Grande Houaiss (2009): Catu: N.D./ Grande: Adjetivo de dois gêneros cujas dimensões são maiores que o normal. Do latim <i>grandis</i>. Datação: século XIII. Cunha (2012): Catu: N.D./ Grande: “[...] ‘vasto, comprido [...]’. Do latim <i>grandis</i>, século XIII. (p. 322). Sampaio ([1901] 1987): Catu: “Catú <i>adj.</i> Bom, bonito; <i>adv.</i> Bem, bastante [...]” (p. 220) Cunha (1988): Catu: N.D.</p>
<p>Topônimo: Ponta do Buri Houaiss (2009): Ponta: “Substantivo feminino. [...] Regionalismo: Brasil. Cabeceira de rio ou de arroio[...]”. Do latim <i>puncta, ae</i>. Datação: século XIII. / Buri: “substantivo masculino. [...] m.q. imburi. Datação: 1881. Imburi: “substantivo masculino. [...] Regionalismo: Brasil. palmeira de até 6m [...], nativa do Brasil [...]”. Datação: 1881. Do tupi <i>mbu’ri</i>. Cunha (2012): Ponta: “sf. ‘parte ou ponto em que alguma coisa termina, extremidade’. XIII. Do lat. <i>puncta, -ae</i>”. (p.511)/Buri: “sm. ‘espécie de palmeira’ <i>bori</i> 1587, <i>mury</i> 1886,/Do tupi <i>mu’ri</i> (p. 105) Sampaio ([1901] 1987): Buri: “s. A palmeira conhecida [...]Alt. Bury.” (p.209). Cunha (1988): Buri “sm Var. Bori, <i>mury</i> [<T. *<i>mu’ri</i>]. Espécie de palmeira.” (p.76)</p>
<p>Topônimo: Pindobeira Houaiss (2009): Pindobeira: “Substantivo feminino [...] m.q. <i>pindoba</i>.” Formação: <i>pindoba</i>+<i>-eira</i>./ “Pindoba: substantivo feminino [...] design. Comum a diversas plantas da fam. das palmas [...] tupi <i>pi’ndowa</i> [...]”. Datação: 1585./ -eira: “do lat. <i>-aria</i>, fem. do suf. lat. <i>-arius</i> ([...]-eiro); em port., ocorre como fem. do suf. <i>-eiro</i>, bem como em construções próprias com as seg. acp.: 1) recipiente, receptáculo [...]; 2) grande quantidade [...]; 3) nome de planta ou árvore [...]; 4) excesso ou continuidade [...]”. Cunha (2012): Pindoba: “sf. ‘palmeira da subfam. Das cocosóideas’ 1585. Do tupi <i>pi’noua</i> [...]” (p. 496). Sampaio ([1901] 1987): Pindoba: “corr. s. A folha de palmeira; c. pind-oba, a folha de anzol, aquela cujo talo serve para vara de anzol. [...]”. (p. 301). Cunha (1988): Pindoba: “s.f. [...] [T. <i>pi’noua</i>[...]. Palma ou palmeira não tem gênero] [...]” (p. 235)</p>
<p>Topônimo: Caboquinho Houaiss (2009): Caboclo: “substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. [...] indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa), de pele acobreada e cabelos negros e lisos [...]”. Do tupi <i>kara’wa’</i> ‘homem branco’ e tupi <i>’oka’</i> ‘casa’. Datação 1645./ -inho: dim., der. de um suf. <i>-inu-</i> latino vulgar (conexo com <i>-ino</i>[...]), com um desdobramento típico da língua portuguesa. É usado na linguagem afetiva; com valor intensificador em advérbios; em adjetivos com valor intensificador. É utilizado com a opção <i>-inho</i> ou <i>-zinho</i>. Cunha (2012): Caboclo: “sm. ‘índio, mestiço de branco com índio’ ‘indivíduo de cor acobreada e cabelos lisos [...] cabocolo 1648 [...]’. Do tupi <i>*kari’yoka</i> (<<i>kara’iwa</i> ‘homem branco’+ <i>’oka</i> ‘casa’[...]).</p>

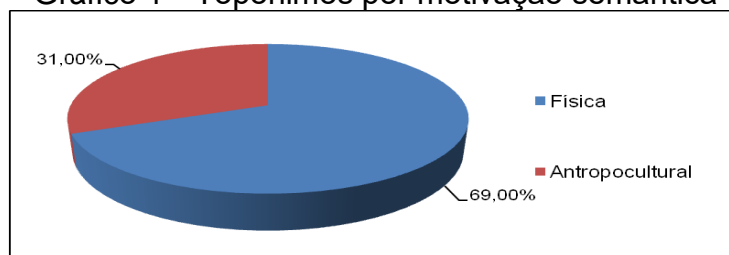
<p>(p.108). Sampaio ([1901] 1987): Caboclo: “V.Cabôco.”/ Cabôco: <i>corr.</i> Caá-boc, tirado ou procedente do mato.” (p. 211). Cunha (1988): “s.m. Var. [...] <i>cauoucolo</i>, [...] <i>cabocolo</i>, [...] <i>cabocoro</i> [...] [< T. *<i>kari’woka</i> (<<i>kara’iua</i> ‘homem branco’+ ‘oka ‘casa’) [...] (p. 79).</p>
<p>Topônimo: Chácara Tucanópolis Houaiss(2009): Chácara: “substantivo feminino. [...] propriedade rural voltada para a avicultura, a pequena criação de animais, o plantio de frutas, legumes etc. [...]”. Do quíchua, antigo <i>chacra</i>, hoje <i>chajra</i>, prov. do espanhol <i>chácara</i>. Datação: 1710./ Tucano: “substantivo masculino [...] design. comum às aves piciformes do gên. <i>Ramphastos</i>, [...] bico muito grande e forte, coloração preta, vermelha, laranja ou verde, e plumagem dorsal negra, com a garganta branca ou amarela [...]”. Segundo o Houaiss, a origem dessa palavra é duvidosa. Datação: 1584./ -pólis. Houaiss indica a verificação em -pole: elemento de composição pospositivo, do gr. <i>pólis</i>, <i>eós</i> ‘cidade’, conexo com <i>poli-</i>, [...] ocorre em cultismos como <i>acrópole</i>, <i>cosmópole</i>, <i>metrópole</i>, <i>necrópole</i> etc., quase todos já origin. gr. e introduzidos no vern. a partir do século XIX; apresenta a var. <i>-polis</i> [...]”. Cunha (2012): Chácara: “<i>sf.</i> ‘pequena propriedade campestre’ 1815. Do cast. <i>chácara</i>, deriv. do a. quíchua <i>cakra</i>. [...]” (p. 144)/ Tucano: “ave da fam. dos ramfastídeos’/1587. [...] Do tupi <i>tu’kana</i>.” (p.655). Sampaio ([1901] 1987): “<i>corr.</i>Tu-quã, o bico que sobrepuja, o bico exagerado. Pode ser por corrupção de tu-can, o bico ósseo [...]”. (p. 333) Cunha (1988): “s.m. [...] [<T. tu’kana] (p.297).</p>
<p>Topônimo: Oitizeiro Houaiss (2009): Oiti: design. comum a algumas árvores da fam. das crisobalanáceas. Origem tupi (controversa). Datação: 1711./ -eiro: “do suf. lat. <i>-arius</i>, a, um formador de adjetivos, e de seus der. <i>-arius, ii</i> ‘o que produz ou cuida de’, <i>-aria, ae</i> e <i>-arium, ii</i> ‘local’, formadores de subst.; em port., forma adj. e/ou subst. com diversos matizes semânticos[.]” Cunha (2012): Oiti: “<i>sm.</i> ‘planta da família das rosáceas, oitizeiro’/ <i>guti</i>1587, <i>goti</i>1618, <i>gyiti</i>1627 [...] / Do tupi <i>üi’ti</i>[...]”. (p. 459). Sampaio ([1901] 1987): Oiti: “Mesmo que <i>uiti</i>. <i>Uiti</i>: <i>ui-ti</i>, a massa apertada ou comprimida; alusão à polpa dessa fruta, que é uma massa granulosa, úmida e muito rija.” p.338. Cunha (1988): Oiti: “Planta da família das rosáceas, oitizeiro. Do tupi <i>ui’ti</i>.”(p. 222.)</p>
<p>Topônimo: Mina do Sapé Houaiss (2009): Mina: “substantivo feminino [...] depósito subterrâneo de minério precioso, carvão, água etc.; jazida, filão [...]”. Do francês antigo <i>mine</i>. Datação: século XIII./ Sapé: Mesmo que sapê. Sapé: “substantivo masculino [...] design. comum a algumas plantas da fam. das gramíneas, de que se usam os caules secos para cobrir casas [...]”. Do tupi <i>yasa’pe</i>. Datação: 1618. Cunha (2012): Mina: “<i>sf.</i> ‘cavidade feita na terra ou na rocha para se extrair metais, carvão, etc. [...] XVI, <i>minna</i> XIII, <i>mjna</i> XV/ Do fr. <i>mine</i>, provavelmente do galo-romano *<i>mina</i> e, este, de origem céltica.” (p.427)./ Sapé: “<i>sm.</i> ‘planta da fam, das germíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas’/sapee 1575, sape 1575, saper 1579 etc./ Do tupi <i>iasa’pe</i> [...]” (p. 581) Sampaio ([1901] 1987): “<i>corr.</i> Eça-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação.” (p. 312) Cunha (1988): Sapé: “s.m. gramínea que dá folhas fortes, de bordas cortantes, estreitas, a qual quando seca serve de facho, de coberturas a casas [...]. Do tupi <i>eça- pé</i>; <i>eça-</i>: subst. (irreg.) Olho, o que segue; <i>pé-</i> subst. (irreg.) caminho”. (p. 258)</p>
<p>Topônimo: Sapezinho do Bom Gosto Houaiss (2009): Sapé: Mesmo que sapê. Sapê: “substantivo masculino [...] design. comum a algumas plantas da fam. das gramíneas, de que se usam os caules secos para cobrir casas [...]”. Do tupi <i>yasa’pe</i>. Datação: 1618./ -inho: Ver acepção citada anteriormente neste texto./ Bom: “adjetivo que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quanto à sua natureza [...]”. Do latim <i>bônus</i>. Datação: século XIII./ Gosto: “[...] opinião subjetiva ou apreciação crítica sobre algo; critério, preferência. [...]”. Do latim <i>gustus</i>, <i>us</i>. Datação: século XIV. Cunha (2012): Sapé: “<i>sm.</i> ‘planta da fam, das germíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas’/sapee 1575, sape 1575, saper 1579 etc./ Do tupi <i>iasa’pe</i> [...]” (p. 581)</p>

<p>Sampaio ([1901] 1987): Sapé: “corr. Eçá-pé, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida que se fazem fachos e tetos de habitação.” (p. 312).</p> <p>Cunha (1988): Sapé: “s.m. gramínea que dá folhas fortes, de bordas cortantes, estreitas, a qual quando sêca [sic] serve de facho, de coberturas a casas [...]. Do tupi eçá- pé; eçá-: subst. (irreg.) Olho, o que segue; pé- subst. (irreg.) caminho”. (p. 258)</p>
<p>Topônimo: Umbuzeiro dos Ovos</p> <p>Houaiss (2009): Umbu: “[...] fruto do umbuzeiro. Tupi i’mbu ‘ nome comum a diversas plantas das fam. Das fitolacáceas [...]. Datação 1560-1597.” / -eiro: Ver acepção citada anteriormente neste texto/ Ovo: “[...] célula reprodutora feminina madura de animais e plantas[...]. Lat. <i>ōvum</i>, <i>i</i>. Datação século XIII.”</p> <p>Cunha (2012): Umbu: Variação de imbu: “sm.’nome comum a diversas plantas das fam. Das anacardiáceas e das fitolacáceas”/ ombú 1584, ambu 1587, vmbu 1594, huambu 1618[...]/ Do tupi ìmu’rana<ìmu+’rana ‘semelhante” [...] imbuz-eiro/ am- 1817, um- 1898.” (p.. 350)</p> <p>Sampaio ([1901] 1987): Umbu: Variação de Imbú: “corr. Y-mb-ú, a árvore que dá de beber; alusão aos tubérculos grandes desta planta [...] que nas raízes, segregam água e matam a sede dos viajantes do sertão [...] Alt. Umbú, Ombú, Ambú.[...]” (p. 248).</p> <p>Cunha (1988): Umbu: Variação de imbu“s.m. Var.: ombú, ambu [...] umbu [...]. T. i’um. (p. 153)</p>
<p>Topônimo: Buranhém Novo</p> <p>Houaiss (2009): Buranhém: “substantivo masculino [...] árvore de até 25 m, [...] da fam. das sapotáceas, nativa do Brasil (AL a MG e SP), com casca de que se extrai tintura e substância com diversos usos medicinais, madeira amarelada, escura, compacta e elástica, flores em fascículos e bagas comestíveis [...] tupi <i>ĩmbira</i>’e ‘árvore sapotácea’, de <i>ĩmbi’ra</i> ‘pau, madeira’ e <i>e</i> ‘doce’. Datação: 1587./ Novo: “adjetivo. [...] que nasceu ou apareceu recentemente [...] latim <i>nōvus</i>, <i>a</i>, <i>um</i>. Datação: 1141.</p> <p>Cunha (2012):“sm. ‘árvore da fam. Das sapotáceas, cuja madeira foi muito usada na fabricação de navios’[...] ubiraém 1587, buraem 1618, burayém 1711 [...]. Do tupi ìmira’ee.” (p. 105)/ Novo: “adj. ‘moço, jovem’ ‘original’ [...] XIII. Do lat. <i>nōvus</i> –<i>a</i> [...]” (p. 453)</p> <p>Sampaio([1901] 1987): Buranhém: “corr. <i>Ybyrá-nhe</i>, a madeira doce [...] (p. 209)</p> <p>Cunha(1988): Buranhém: “s.m. [...] <T. <i>imira’ee</i> [...]” (p. 75)</p>
<p>Topônimo: Carro Mirim</p> <p>Houaiss (2009): Carro: “substantivo masculino [...] veículo que se locomove sobre rodas, para transporte de passageiros ou de cargas [...]”. Do latim <i>carrus</i>. Datação: 1261./ Mirim: “adjetivo de dois gêneros [...] de tamanho reduzido; pequeno [...]”. Do tupi mi’ri ‘pequeno’. Datação: Não consta.</p> <p>Cunha (2012): Carro: “sm. ‘veículo de transporte terrestre’ XIII. Do lat. <i>carrus</i> [...]” (p. 131)/ Mirim: “adj. [...] ‘pequeno’ a 1696. Do tupi <i>mi’rĩ</i>[...]”. (p. 429).</p> <p>Sampaio ([1901] 1987): Mirim: “adj. Pequeno, breve, pouco, miúdo [...]” (p. 283).</p> <p>Cunha (1988): Mirim: “adj. [<T. <i>mi’rĩ</i> ‘pequeno’ [...]] [...]” (p. 212).</p>

Fonte: autoria própria.

Após apresentação dos dados, foi possível verificar que os topônimos analisados apresentaram-se em maior número com a motivação semântica física, em um valor de trinta e oito, equivalente a 69%. Em relação aos topônimos com motivação semântica antropocultural, foram encontrados dezessete, correspondente a 31%, como é possível verificar no Gráfico 1.

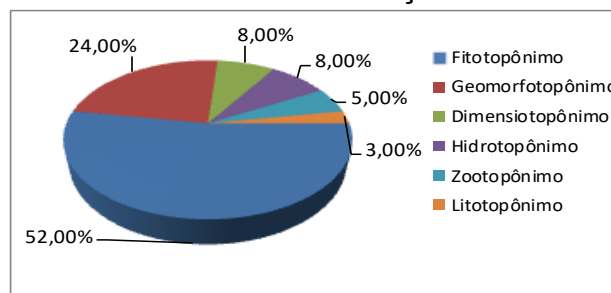
Gráfico 1— Topônimos por motivação semântica



Fonte: autoria própria.

Como mostra o Gráfico 2, nos topônimos analisados com a motivação semântica física, encontram-se as seguintes taxonomias: fitotopônimos (referente à índole vegetal, 20 ocorrências, correspondentes a 52%); geomorfotopônimo (referente às formas geográficas, 9 ocorrências, correspondentes a 24%); dimensiotopônimo (referente às características dimensionais dos acidentes geográficos). hidrotopônimo (resultante de acidentes hidrográficos em geral) com 3 ocorrências para essas categorias, correspondentes a 8% para cada uma delas), zootopônimo (relativo à índole animal, 2 ocorrências, correspondentes a 5%) e litotopônimo (correspondente à índole mineral, 1 ocorrência, correspondente a 3%).

Gráfico 2— Taxonomia: motivação semântica física

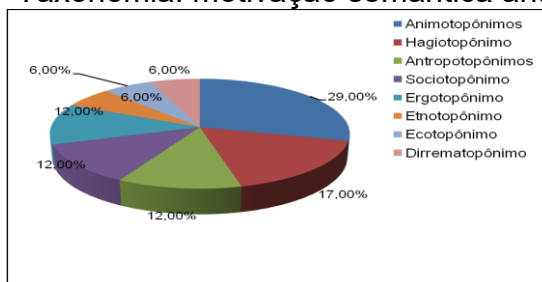


Fonte: autoria própria.

Em relação aos topônimos com motivação semântica antropocultural, o Gráfico 3 demonstra que foram encontrados: animotopônimos (relativo à vida psíquica, à cultura espiritual, 5 ocorrências, correspondentes a 29%); hagiotopônimos (relativo aos santos e santas do hagiológico romano, 3 ocorrências, correspondentes a 17%), os antropotopônimos (relativo aos nomes próprios individuais), sociotopônimos (relativo às atividades sociais, seja de trabalho ou lazer)

e ergotopônimos (relativo aos elementos da cultura material) apresentam-se com 2 ocorrências, correspondentes a 12% cada; já os etnotopônimos (referente aos elementos étnicos), os ecotopônimos (relativo às habitações de um modo geral) e os dirrematopônimos (corresponde a frases ou enunciados linguísticos) apresentam apenas 1 ocorrência, correspondente a 6% cada.

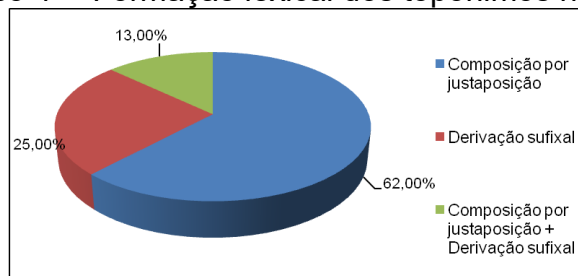
Gráfico 3 – Taxonomia: motivação semântica antropocultural



Fonte: autoria própria.

Quanto à formação lexical dos topônimos híbridos, o Gráfico 4 demonstra os seguintes números:

Gráfico 4— Formação lexical dos topônimos híbridos



Fonte: autoria própria.

Cruzando as informações sobre a taxonomia e a formação lexical dos híbridos, foram obtidos os seguintes resultados:

Quadro 3 – Formação lexical por taxonomia dos topônimos híbridos

Taxonomia dos topônimos híbridos	Composição por justaposição	Derivação sufixal	Composição por justaposição + Derivação sufixal
Fitotopônimos	6	11	2
Geomorfotopônimo	0	9	0
Dimensiotopônimo	0	3	0
Zootopônimo	1	1	0
Litotopônimo	0	0	1
Hidrotopônimo	2	0	1
Animotopônimos	3	1	1
Hagiotopônimo	3	0	0
Sociotopônimo	2	0	0
Antropotopônimos	2	0	0
Ergotopônimo	1	0	1
Dirrematopônimo	1	0	0
Ecotopônimo	0	0	1
Enotopônimo	0	1	0

Fonte: autoria própria.

Em se tratando de formação lexical e taxonomia toponímica, os dados revelam um maior predomínio dos fitotopônimos, confirmando o fato de que o padrão denominativo do povo indígena está intrinsecamente ligado à natureza e seus elementos. Nessa categoria, foi verificado um quantitativo maior no processo de derivação sufixal, mas a composição por justaposição fez-se de forma marcante como opção para denominação.

Segundo Basílio (1987), o processo de derivação é bastante produtivo, pois através de morfemas é possível obter uma palavra, mantendo o vínculo com o termo primitivo. Isso é possível constatar nos topônimos que utilizam sufixos que são altamente produtivos como formadores de palavras na língua portuguesa: Cajueiro, Cajuada, Cipoal, Timborinha, Tabocal, entre outros. Ressalta-se que, através das acepções coletadas nos dicionários, constatou-se que a presença desses nomes na língua portuguesa data do século XVI, justamente no período em que se inicia a colonização e o desbravamento das riquezas naturais brasileiras.

Basílio (1987) ainda afirma que o processo de composição lança mão de uma maior criatividade por parte do denominador, uma vez que há a união de lexemas de categorias gramaticais diferentes, com a finalidade de nomeação de um elemento novo. Nesse processo, metáforas e associações são utilizadas como forma de descrever da maneira mais adequada aquilo que até então não possuía um nome. No caso dos topônimos híbridos verificados, esse tipo de nomeação foi amplamente utilizado, pois foi observada a presença de 62% dessa formação lexical, isso abrangendo maior parte das taxonomias. São nomes que buscam descrever o espaço físico através da sua dimensão, como em Alto do Jaguaripe, ou buscam associação com algum elemento de referência do lugar, vê-se isso em Sapucaia Velha, Buranhém Novo, ou um processo de criatividade ainda maior, como é visto em Sapezinho do Bom Gosto, em que está representada a impressão do denominador a respeito do lugar. Além disso, em topônimos como São Roque do Paraguaçu, Vitória do Paraguaçu e Francisco do Paraguaçu constata-se a união de elementos culturais que são importantes para o homem europeu, nomes de santos da religião católica associados a um elemento que é de suma importância para o homem indígena, o nome do maior rio que banha a região do Recôncavo baiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar um nome de um lugar é adentrar em um rico complexo linguístico-cultural, como afirma Dick (1990a), pois o pesquisador se vê diante de uma infinidade de possibilidades de estudos e qualquer que seja sua opção, ela estará sempre vinculada ao contexto sócio-histórico ao qual o denominador pertence, portanto, há um vínculo inseparável entre denominação e denominador.

É necessário compreender o ato de denominar um lugar como um processo que envolve ações psíquicas e sociais e isso se deve ao fato de que ao nomear um espaço, o denominador lança mão de ações cognitivas superiores que envolvem observação, associação e criatividade e, ao mesmo tempo, todo esse processo está vinculado a sua sociedade, visto que o seu repertório linguístico corresponde aos conhecimentos adquiridos através das sucessivas gerações que ocupam um mesmo espaço sociocultural. Esse repertório traduz a visão de mundo de um povo,

revelando sua cultura material e imaterial, bem como traços físicos do seu espaço geográfico e/ou fatos marcantes nele ocorridos.

Ao analisar os híbridos toponímicos (físicos e antropoculturais) que têm por base lexemas de origem indígena, associados a outros lexemas de origem europeia, averiguou-se a presença de quatorze categorias toponímicas, ou seja, mesmo em um número reduzido de topônimos, foi possível constatar uma criatividade lexical, que, em sua maioria, identifica a visão de mundo dos povos indígenas. Esse fato, retrata a ligação desses povos com o ambiente natural, pois havia uma necessidade de descrever o espaço através dos elementos da fauna e flora e, mesmo associado a elementos lexicais que representam a cultura do denominador, o padrão de nomeação permanece.

No caso dos topônimos híbridos verificados, no que concerne à formação lexical, foi observada a presença de 62% de composição por justaposição, 25% de derivação sufixal e 13% de composição por justaposição e derivação sufixal. Em se tratando de formação lexical e taxonomia toponímica, observou-se um maior predomínio dos fitotopônimos, formados pelo processo de derivação sufixal e por composição por justaposição.

Feitas as análises, mesmo que breves, espera-se que possa ter sido demonstrado o valor dos estudos toponímicos para a Linguística, pois essa área pode colaborar de grande forma, confirmando que o português brasileiro é diverso em sua origem, já que representa uma multiplicidade de valores culturais que foram transmitidos pelas gerações e se revelam através da língua, veículo maior de interação e integração social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lana Cristina Santana. **O léxico toponímico das comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus**: uma análise semântica e sociocultural. Salvador, 2012. 187f. Dissertação. (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia- BA. Obra não publicada.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987. 104p.

_____. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 47, p. 49-71, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/viewFile/7347/6769>>. Acesso em: 06 dez. 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 356p.

_____. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP2/Biderman1998.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2011.

_____. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001. 356p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010. 198p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 85p. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/labur.htm>>. Acesso em: 14 out. 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998. 357p.

_____. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Recurso eletrônico. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. 744p.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Breve gramática do português contemporâneo, 1998 apud SIMÕES NETO, Natival Almeida; COELHO, Juliana Soledade Barbosa. **O morfema –eir- no português brasileiro contemporâneo.**

Disponível em:

<<http://aprendeonlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/lyl/article/view/18838>>.

Acesso em: 27 abr. 2016.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990a. 387p

124

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil.** Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: [s.n], 1990b.

_____. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897.** São Paulo: ANNABLUME, 1996. 393p.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas: classificação e esboço tipológico. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Orgs). **O português e o tupi no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-25.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: _____ (Orgs). **O português e o tupi no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 81- 103.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do Português.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 248p.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tupi, tupinambá, línguas Gerais e português no Brasil. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Orgs). **O português e o tupi no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015. p.27-47.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, [1901] 1987. 359p.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **Referência e onomástica**, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Acesso em: 14 set. 2009.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Estatísticas dos municípios baianos**. Território de identidade Recôncavo. v. 13, Salvador: SEI, 2010. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=76&Itemid=110>. Acesso em: 12 maio 2012.

VYGOTSKY, Lev S.; COLE, Michael. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2012.